

FHC defende reforma tributária em etapas

Segundo presidente, há setores que têm "comichão" só de ouvir falar em mudanças

TÂNIA MONTEIRO
Enviada especial

JACARTA – O presidente Fernando Henrique Cardoso voltou a afirmar ontem que o governo federal vai empenhar-se na aprovação da reforma tributária, que deverá ser feita ponto a ponto e não de uma só vez. “Não sei por que alguns setores no Brasil têm comichão quando ouvem falar em reformas”, disse o presidente. Ele lembrou que o governo tem maioria no Congresso e, portanto, não dependerá da oposição para aprovar mudanças. Em seguida, porém, o presidente recuou da provocação, afirmando que a oposição deveria ajudar, pois o País precisa das reformas.

As declarações do presidente foram dadas em entrevista coletiva no Hotel Borobudur, em Jacarta, onde está hospedado, logo após se reunir com o presidente da Indonésia, Abdurrahman Wahid, no Palácio de Merdeka. Essa foi a penúltima etapa da viagem de dez dias do presidente à Ásia. Fernando Henrique embarcou ontem para a Cidade do Cabo, na África do Sul, já no trajeto de volta para casa. Sua chegada ao Brasil está prevista para a noite de hoje.

As reformas, de acordo com o presidente, não deverão sofrer atraso por conta de even-

tuais rachas na base governista provocados pela disputa pelo comando do Congresso. “Presidências da Câmara e do Senado são assuntos do Congresso e reformas são assuntos do País”, afirmou o presidente. “Alguém vai ser presidente da Câmara, alguém do Senado e o País quer as reformas”, prosseguiu. “O País quer as reformas e os novos presidentes (da Câmara e do Senado) têm de se engajar não porque eu queira, mas porque o País precisa.”

“Não dá” – Os que avaliam não haver tempo suficiente para concluir as reformas antes do fim de seu mandato foram criticados pelo presidente. “São reacionários? Contra as reformas? Atrasados? Querem ficar com uma coisa

que não funciona mais?”, questionou. “Não dá para entender isso!” De acordo com Fernando Henrique, o que atrapalha a oposição é o fato de ela ser contra as propostas. “Ninguém pode ser contra as reformas”, afirmou.

Entre os pontos da reforma tributária, o presidente defendeu a redução dos impostos que incidem sobre os produtos de exportação. “Quem é que pode ser contra isso? Certamente ninguém de bom senso”, observou o presidente, que apresentou uma explicação para a estratégia de propor uma reforma tributária gradual. “Nós vamos tentar fazer a reforma dentro de um realismo e o realismo não leva que se faça a reforma em seu conjunto”, justificou. “Vamos ver quais são os pontos mais necessários e concentrar esforços neles”, disse, sem apontar por que ponto pretende começar a discussão.

O presidente lembrou ainda outras reformas que precisam ser tocadas. Como exemplo, citou a da Previdência, que ainda depende da aprovação de leis complementares, a eleitoral e a política. “As reformas têm dado resultado e vamos encaminhá-las”, disse Fernando Henrique.

Fernando Henrique reagiu também à ameaça da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da Força Sindical de promoverem paralisações diárias de uma hora para pressionar o governo a pagar perdas de 68% do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) provocadas pelos planos Verão e

Collor 1. “Não adianta fazer greve. O Tesouro não tem nada a ver com isso”, afirmou o presidente. “Pode fazer greve, mas só se for para obrigar os empresários a pagarem a parte deles.” Depois de lembrar que manifestações fazem parte do dia-a-dia da democracia, o presidente insistiu que nem todos os brasileiros podem pagar por uma questão que é do interesse exclusivo de uma parcela dos trabalhadores.

A Força Sindical, aliás, suspendeu a paralisação programada para o dia 31 por cerca de 30 mil metalúrgicos de São Paulo. O protesto, que foi anunciado na segunda-feira, foi cancelado porque o ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, marcou ontem uma reunião com dirigentes da central para o mes-



Fernando Henrique cumprimenta o presidente indonésio: perguntas até mesmo sobre futebol

mo dia em que estava programada a greve.

Protecionismo – Fernando Henrique almoçou ontem, em Jacarta, com empresários que participavam do seminário Comércio e Oportunidades de Investimentos com o Brasil. Em seu discurso, voltou a criticar “o protecionismo e a competição desleal dos países desenvolvidos” e ressaltou que, como importantes produtores agrícolas, o Brasil e a Indonésia têm interesses comuns nessas áreas.

Ao defender a necessidade de ampliação dos negócios entre os dois países, o presidente classificou de “ridículo” os atuais números que envolvem as transações comerciais bilaterais: US\$ 400 milhões. “Há inúmeras possibilidades de investimentos em ambos os países e eu estou convencido de que este seminário está dando uma contribuição extremamente útil para a identificação dessas oportunidades”, disse Fernando Henrique. “Nossos governos devem mostrar o caminho e criar um quadro institucional para a expansão das relações.”

Mas o presidente ressaltou que os acordos precisam ser negociados para que os obstáculos burocráticos se reduzam o máximo possível. Fernando Henrique salientou que nem tudo pode ser feito pelo governo e é preciso haver a participação ativa do setor privado.

PROJETO
VAI SER
“REALISTA”,
DIZ ELE

FHC - Viagem

Wilson Pedrosa/AE